

# CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DOCENTE PARA ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM MÚSICA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

**Palavras-Chave: Estágio online. Licenciatura em Música. Pandemia.**

**Autores/as:**

**Marcelo Ferreira Ribeiro, UNICAMP**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvia Cordeiro Nassif (orientadora), UNICAMP**

---

## **Introdução**

Durante a pandemia, a universidade não parou e se adequou ao ensino remoto, trazendo uma série de consequências e necessidades. Uma grande questão, especialmente para estudantes das licenciaturas, foi a realização de estágios e disciplinas com carga prática extraclasse. No curso de Licenciatura em Música, que tem em seu catálogo dois estágios na Faculdade de Educação, dois estágios no departamento de Música e duas disciplinas com carga horário fora da sala (Pedagogia e Didática Musical I e II), essa questão foi trabalhada de diversas formas, visando sanar essa problemática.

Um local de atuação dentro desse contexto foi o *Cursinho Pré-Vestibular Gratuito Para Provas de Habilidades Específicas em Música TATITA*, ou “Cursinho TATITA”, um cursinho popular criado, organizado e realizado, em sua maioria, por estudantes de graduação em Música pela Unicamp. Os cursinhos populares (ou comunitários) são instituições paraescolares que lutam pela inclusão no ensino superior (CARVALHO, 2006), tendo sua história intimamente ligada a movimentos sindicais e sociais, e se consolidando especialmente a partir dos anos 90, compartilhando de uma série de características<sup>1</sup>. Sobre o impacto do voluntariado em cursinhos populares na formação docente de estudantes de licenciaturas, já há algumas publicações valorizando essa experiência, como Sousa (2021) e Gomes *et. al* (2019).

A partir disso, este trabalho vem trabalhando para observar a experiência de estudantes do curso no Cursinho TATITA através das disciplinas de Estágio Supervisionado I e II e de Pedagogia e Didática I e II durante a pandemia, podendo entender a percepção dessas pessoas quanto ao impacto às suas formações docentes entre teoria e prática. Analisando as questões urgentes causadas pelo ensino remoto e a falta de contato presencial, podemos, também, discutir a formação desses indivíduos entre suas vivências estudantis e docentes, vinculando a realidade do mercado de trabalho com o catálogo da graduação.

Dentro deste cenário, o Cursinho TATITA é a “unidade-caso” de uma pesquisa qualitativa com uma abordagem de estudo de caso. Essa perspectiva visa abordar “fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto da vida real” (GODOY, 1995, p.25). Para Gil (1995 *apud* VENTURA, 2007, p. 385), há, no geral, quatro etapas na realização de um estudo de caso, sendo eles: “a) delimitação da unidade-caso; b) coleta de dados; c) seleção, análise e interpretação dos dados; d)

---

<sup>1</sup> Consultar Zago (2008)

elaboração do relatório”. Cumprida então, a primeira parte, realizamos a coleta de dados a partir de entrevistas com estudantes do curso que tinham participado do Cursinho TATITA com sua experiência vinculada a uma das disciplinas já citadas durante a pandemia de COVID-19. A princípio, seriam realizadas de 3 a 5 entrevistas<sup>2</sup>, contudo, apenas 4 pessoas cumpriram os pré-requisitos delineados. Atualmente já foram realizadas 3 entrevistas (com possibilidade de se realizar mais uma), todas via Google Meet, sendo elas gravadas com consentimento dos participantes e já transcritas. No momento, a pesquisa se encontra na etapa de finalização das transcrições, na possibilidade de mais uma entrevista, e no início da análise dos dados coletados sob a luz de bibliografia especializada, que vem sendo selecionada ao longo desses meses.

### **Estrutura e funcionamento do Cursinho TATITA**

Para observar a importância da experiência para essas pessoas, é importante explicarmos melhor como funciona o projeto. Criado no fim de 2019, visando o início de 2020, o Cursinho TATITA atende pessoas de diversas regiões do Brasil, todas interessadas em ingressar nos cursos superiores de Música. O objetivo principal, desde o início, é possibilitar que pessoas musicistas com pouca bagagem teórica e/ou sem condições financeiras pudessem ter aulas de teoria musical voltadas para o vestibular sem precisar pagar por isso. Inicialmente, o projeto foi idealizado pensando em aulas presenciais, alterando-se, por conta da pandemia, para o modelo online, agregando alunos de outras cidades e até estados, prestando diversos vestibulares além da Unicamp.

A equipe do cursinho se divide entre gestão e corpo docente, sendo que muitas vezes esses cargos são acumulados. O conteúdo, pensado a partir das exigências das PHE<sup>3</sup>, é dividido em 4 disciplinas: Estruturação, História da Música, Percepção e Rítmica, além de aulas específicas para a prova de Licenciatura e acompanhamento para outras provas específicas. Cada disciplina se organiza com um time de 3 ou 4 docentes e, às vezes, 1 monitor, que se organiza para planejar o semestre, as aulas, materiais, exercícios e correções, dividindo as tarefas entre o grupo. Uma dessas pessoas é a coordenadora da disciplina, atuando junto a coordenadores de outras disciplinas e à coordenação geral, que por sua vez também atua na parte humana do Cursinho, investigando e tentando solucionar problemas dos estudantes que estejam com questões que atrapalhem o estudo e a presença nas aulas.

As aulas, que ocorrem sempre nas manhãs de sábados, são divididas entre síncronas e assíncronas, dispostas de forma que nunca ultrapasse três aulas síncronas em uma manhã. De qualquer maneira, mesmo as aulas em tempo real são gravadas e postadas, possibilitando o estudo tanto de quem estava presente, como de quem não estava. Para que isso seja possível, são usados o Google Meet e o Google Classroom para realização das aulas e postagem dos materiais, além do uso do whatsapp para comunicação mais direta com a turma.

O ano letivo se inicia em meados de março, juntamente ao calendário da Unicamp, tendo pausa de recesso no meio do ano, momento de reavaliação de estratégias para o segundo semestre, e volta em agosto, seguindo até o fim das diversas PHE.

### **Resultados preliminares**

Durante as entrevistas com Juma, Filó e Tibério<sup>4</sup>, foram perguntadas questões sobre o andamento da graduação durante a pandemia, relação pessoal com o curso, participação e relação com o Cursinho TATITA e formação docente. As três pessoas entrevistadas participaram do Cursinho por mais de um

---

<sup>2</sup> Kish (1987 *apud* GÜNTHER, 2006) e Godoy (1995) apontam a importância das entrevistas para os estudos de caso)

<sup>3</sup> Prova de Habilidades Específicas.

<sup>4</sup> Foram usados nomes fictícios para preservar a identidade das pessoas entrevistadas.

ano, e atrelaram sua participação, durante o segundo semestre de 2019, à disciplina Pedagogia e Didática Musical II.

Quando perguntados sobre o desenvolvimento do curso na pandemia, Juma e Tibério não titubearam em demonstrar sua frustração, dos planos iniciais contra a realidade dos fatos. Juma diz que:

Eu tava muito empenhada e animada, mesmo com a situação... E aí foi passando o tempo de graduação, e as coisas não foram acontecendo e eu fui ficando um pouco frustrada com as aulas, né. Não por culpa de professor nem nada do tipo, nem de conteúdo, mas pela situação mesmo, de estar atrás de uma tela o dia inteiro.<sup>5</sup> (JUMA, entrevista em 1 de junho de 2022).

Tibério também traz isso em seu relato:

Eu tive a brilhante ideia de tentar eliminar matérias durante a pandemia, já que tô em casa né, vai ser mais fácil... Mas no fim não deu, não foi. Juntou muita coisa, muitos pensamentos além da graduação toda uma situação bem complexa e bem difícil, e o que gerou foi uma ansiedade de outro planeta. (...) o que era pra tentar adiantar acabou comprometendo bastante coisa na graduação (TIBÉRIO, entrevista em 4 de junho de 2022).

Filó foi a única que respondeu que não teve muitos problemas do tipo, e que conseguiu acompanhar bem e, inclusive, adiantar muitas das disciplinas teóricas durante o ensino remoto. A grande questão para ela foi a distância que se impôs para com a turma.

Acho que o que mais me afetou que eu senti muito sobre essa questão da distância é o contato com os outros alunos mesmo, porque questão de compartilhar experiência, tirar dúvida, conversar sobre a disciplina ou sobre o que tá rolando. Isso fez muita falta pra mim, porque na pandemia era comigo mesma, então eu assistia aula, eu resolvia os exercícios, e mesmo que eu perguntasse alguma coisa, não era o mesmo (FILÓ, entrevista em 27 de maio de 2022).

Curiosamente, perguntada sobre a disciplina de Pedagogia e Didática Musical II, Filó diz que “as disciplinas que eu fiz no EaD<sup>6</sup> estão num bolo, então tenho muita dificuldade de conseguir separar o que eu fiz, quando, e quem deu o que... Eu lembro que cumpri tudo, mas tá tudo meio junto” (entrevista em 27 de maio de 2022). Mesmo para quem conseguiu manter as atividades com o curso, as coisas se confundem. Qual seria a explicação para isso?

Quando se questionou sobre as principais questões enfrentadas através da atuação no Cursinho, foi interessante notar respostas que se assemelham com reclamações das mais comuns emitidas por docentes (inclusive os de graduação). Juma aponta:

Eu acho que na pandemia um outro problema igual eu comentei é a questão dos alunos, do mesmo jeito que nós alunos da faculdade no começo não ligamos as câmeras, eles também não ligavam as câmeras. E essa não ligar as câmeras, não ligar o microfone, no começo foi muito difícil porque a gente não tinha retorno, a gente tava dando aula pra nada, parecia que a gente tava dando aula pra ninguém (JUMA, entrevista em 1 de junho de 2022).

Tibério também destaca essa questão:

(...) acho que a principal dificuldade foi a falta de interação, tanto no ambiente do classroom, no whatsapp, mas também nas aulas. Querendo ou não, era uma aula pra um monte de letrinhas, e

---

<sup>5</sup> Todas as passagens retiradas da entrevista foram transcritas sem qualquer tipo de correção gramatical.

<sup>6</sup> Embora não seja a nomenclatura correta, algumas pessoas se referem ao ERE (Ensino Remoto Emergencial) como EaD.

era difícil conquistar essas interações, era um trabalho árduo. (TIBÉRIO, entrevista em 6 de junho de 2022).

Em todas as entrevistas, houve destaque para a importância da experiência no Cursinho TATITA em sua formação. Filó, que sempre quis ser professora, disse que foi sua

(..) primeira experiência oficial assim, tipo eu estou assumindo uma disciplina, assumindo um conteúdo, então tive que preparar tudo, pensar a melhor forma de registrar isso, de explicar, fazer os exercícios, não ter uma apostila. Então foi o primeiro passo pra tudo isso, que eu dei não sozinha, porque eu tava amparada por todos os outros professores, toda a equipe do TATITA, mas de tá assumindo de fato sem nada preparado pra mim assim. E isso traz um nervoso no começo, mas traz uma segurança depois, você vê que deu certo (FILÓ, entrevista em 27 de maio de 2022).

Juma ressalta como esse processo foi importante para se acostumar com o “dar aula” e se sentir mais segura em sala.

Olha, foi a única experiência mais forte como docente na pandemia e foi o vamo ver mesmo. Você acha que sabe explicar um conteúdo e chega na hora a pessoa não entende e você fica “meu deus só sei explicar desse jeito” e você tem que correr lá na hora pra ver como você vai explicar porque a pessoa tem que entender então você tem que fazer ela entender, colocar em prática todas as coisas teóricas que você já viu na sua vida. Isso dá um desespero né, porque eu lembro que nas primeiras aulas eu chegava tremendo assim, achava que ia morrer de ansiedade. Agora a gente já vai até mais calma, mas ainda dá um medinho (JUMA).

Quando perguntado sobre a relação da vivência no Cursinho e na vivência estudantil, talvez tenha se obtido as respostas mais diversas - até porque cada pessoa é afetada de formas diferentes pelas experiências - e, mesmo assim, convergentes. Juma ressalta que os conteúdos teóricos estudados especialmente nas disciplinas de Pedagogia e Didática são muito úteis para se elaborar e realizar a aula, mas que não consegue isolar métodos, e acaba, instintivamente, juntando muitas coisas. Ela diz que

(...) falar que você “vou fazer tal método assim na minha aula”, desculpa, não vai funcionar. Acho que eu, se eu tentei uma vez no começo, não me lembro, porque é muito certinho e a aula não é muito certinha. (...) Você vai misturar tudo que você já viu e ver como aquilo funciona praquela turma, e isso que deu certo pra essa turma não vai funcionar praquela outra turma. (...) é um negócio meio intuitivo e de adaptação (JUMA, entrevista em 1 de junho de 2022).

Tibério destaca o conhecimento sobre autores importantes da Educação Musical, estudados em Pedagogia e Musical II. Ele diz que a disciplina

(...) fez ter novos olhares pra autores conceituados do ramo, da área. A partir da, dessas análises táticas deles, eu pude escolher o que eu queria agregar, o que eu não queria agregar nas minhas aulas, e a partir dessa escolha construir, ou melhor, reconstruir minhas aulas assim (TIBÉRIO, entrevista em 4 de junho de 2022).

Filó (entrevista em 27 de maio de 2022) ainda destaca que, mesmo que a disciplina seja mais voltada para musicalização infantil, acaba conversando e possibilitando reflexões sobre o ensino de jovens adultos, público majoritário do Cursinho, já que “são coisas diferentes, mas eu achei que elas complementaram e foram importante”.

A partir desses resultados preliminares, foram criadas algumas categorias de análise, as quais ainda não foram desenvolvidas e estão, neste momento, mas em forma de elaboração inicial. Essas categorias incluem:

1. A construção social da memória e suas alterações em momentos de isolamento. Essa categoria surge a partir de uma espécie de “estado de consciência alterado” durante a pandemia que parece ter levado a um apagamento ou indiferenciação de fatos vivenciados na graduação durante o período (nas palavras de Juma, tudo parece que foi “um bolo só”).
2. A importância das interações sociais nos processos de aprendizagem. Tanto como estudantes quanto como docentes, os entrevistados perceberam as dificuldades enfrentadas por situações como, por exemplo, as “câmeras fechadas”.
3. A relação entre as teorias pedagógicas e a prática em sala de aula. A necessidade de adaptações (que não são exclusivas, mas se acentuaram) durante a pandemia permitiram uma maior consciência dos limites da aplicação de teorias frente à realidade da sala de aula.
4. O cursinho como espaço colaborativo. Questões sobre a relação de confiança e apoio entre o corpo docente, apontadas nas entrevistas, mostram a importância de um ambiente colaborativo no exercício da docência, especialmente em situações como as vivenciadas no ERE.

### **Referências bibliográficas**

CARVALHO, José Carmelo Braz de. Os cursos pré-vestibulares comunitários e seus condicionantes pedagógicos. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/qMLsKvvrQqp8ymVQnGBnjtH/?lang=pt>. Acesso em: 01 de fev. 2022.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. In: Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, Mai./Jun.1995.

GOMES et. al. Extensão Universitária e a Formação Docente: a experiência do cursinho popular pré-enem Paulo Freire da Universidade Federal do Piauí/CSHNB. In: MELERO, Anna Maria Gouveia de Souza. Premissas da Iniciação Científica. Belo Horizonte: Atena Editora. 2019.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa *Versus* Pesquisa Quantitativa: esta é a questão? In: Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 22, n. 2, p. 201-210, Mai-Ago 2006.

SOUSA, Hugo Sanchez de. Cursinhos Pré-Vestibulares Populares e sua Contribuição no Papel de Formação Docente no Município de Uberlândia. 2021. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/33071/1/CursinhosPr%c3%a9Vestibulares.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2022.

nsc-VENTURA, Magda Maria. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. In: Rev SOCERJ, v. 20, p. 383-386, set./out. 2007.

ZAGO, N. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. In: Perspectiva, Florianópolis, v. 26, n. 2, jan./jun. 2008. p. 149-174.